



Principais fatores indutores de stresse percecionados em enfermeiros de urgência: Um estudo transversal

Lucia Fernandes¹, Sílvia Fernandes², Piedade Dias³, Sílvia Raposo⁴, Sónia Sauane⁵, Carlos Magalhães⁶.

^{1,2,3,4,5}Unidade Local de Saúde do Nordeste, Bragança, Portugal. ⁶Instituto Politecnico de Bragança, Bragança, Portugal.

Introdução

Introdução: A profissão de enfermagem é uma profissão desgastante, principalmente quando exercida em contextos que envolvem a prestação de cuidados ao doente em situação crítica. Os enfermeiros, diariamente podem manifestar sinais que afetam a sua saúde mental, dado que enfrentam a dor física e emocional e ultrapassam situações frágeis no trabalho (Batalha et al., 2020).

Perante a realidade vivenciada diariamente pelos enfermeiros na prestação de cuidados à pessoa em situação crítica surge a necessidade de identificar os fatores indutores de stresse e encontrar estratégias para lidar com essa mesma problemática.

Objetivos: Avaliar a perceção do stresse numa amostra de enfermeiros do serviço de urgência (SU) de um centro hospitalar da região norte de Portugal e sua relação com as variáveis sociodemográficas e profissionais.

Metodologia: Estudo descritivo-correlacional, transversal, envolvendo uma amostra de 54 enfermeiros. Para a avaliação do stresse recorreu-se à Escala de Stresse Profissional dos Enfermeiros (ESPE).

Os participantes são maioritariamente do sexo feminino (68,5%) e integram a faixa etária dos 31 aos 40 anos (63,0%). O grupo dos casados/união de facto representa 53,7% da amostra. 74,1% são licenciados e os restantes mestres (25,9%).

Constatou-se que o fator “carga de trabalho” e “a morte e o morrer”, foram aqueles em que se obteve uma pontuação mais elevada, pelo que constituem as duas principais fontes de stresse.

46,3% da amostra desempenha funções entre 11 e 20 anos. Relativamente ao tempo de serviço no SU, 61,1% trabalha há dez ou menos anos. No que se refere à estabilidade contratual 74,1% têm contrato por tempo indeterminado.

O sexo masculino, mestres e enfermeiros com contrato a termo certo evidenciam maior nível de stresse.

Conclusão

Num SU, e particularmente na área dedicada à pessoa em situação crítica, todas as capacidades cognitivas do enfermeiro são valiosas, pelo que o seu empoderamento para a gestão ativa do stresse contribuirá para a sua saúde e bem-estar, refletindo-se positivamente na qualidade da prestação de cuidados.

Face ao exposto, as estratégias a planear devem enfatizar dois fatores, seja ao nível individual, através de terapias cognitivo-comportamentais, seja ao nível institucional, com ações coletivas e organizacionais, em prol de um ambiente favorável ao combate/redução do stresse.

Referências Bibliográficas

Batalha, E., Melleiro, M., Queirós, C., & Borges, E. (2020). Satisfação por Compaixão, Burnout e Estresse Traumático Secundário em Enfermeiros da Área Hospitalar. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, nº24. <https://doi.org/10.19131/rpesm.0278>.
Gray-Toft, P., & Anderson, J. G. (1981). The Nursing Stresse Scale: Development of an instrument. Journal of Behavioral Assessment, 3(1), 11–23. <https://doi.org/10.1007/BF01321348>. Santos, J. J. M., & Teixeira, Z. Z. (2008). The Nursing Stresse Scale: Desenvolvimento da versão portuguesa da escala. Revista de Investigação Em Enfermagem, 18, 29–40. <http://hdl.handle.net/10284/8139>. Santos, J., & Teixeira, Z. (2009). O stresse profissional dos enfermeiros. Revista Da Faculdade de Ciências Da Saúde, 6, 11. <http://hdl.handle.net/10284/1290>